

O naufrágio dos fotogramas e o manto de plumas dos Mundurukus¹

Júlio Bressane²

A catástrofe do Museu Nacional traz-me à memória a lembrança dolorosa do fogo destruidor do grande manto de arranjos plumários dos Mundurukus.

Manuel Nunes Pereira foi quem me apresentou e descreveu essa obra de arte.

Lembro-me bem.

"Pitaguari, abre a arca dos Mundurukus", dizia meu adorado Nunes Pereira ao chegar ao Museu Nacional. Frequentador assíduo daquele espaço, conhecia tudo ali ou "quase tudo", como gostava de dizer com seu sorriso divino o escritor de *A casa das Minas, Os índios Maués, Moronguêta: um Decameron indígena*, e tantos outros. Pitaguari era um funcionário do Museu que guardava, encantado em uma arca, os mantos e arranjos plumários dos antigos Mundurukus, peças de um valor e de uma beleza altíssimos. Mantos de plumas que conservam as formas mais elegantes da beleza, organizados em uma montagem com penas dispostas em combinações emotivas, cores, textura, parentesco e rima da plumagem, o realce feito pelo encadeamento de particular com particular, harmonia gradual de motivos, mito, dança, ritmo e música em um canto de plumas, conhecimento perfeito da natureza na mais alta arte feita pela humanidade. Depois de admirar o manto aberto inteiro e ouvir a detalhada

¹ Texto publicado na revista eletrônica Estado da Arte: revista de cultura, artes e ideias, em 10 set. 2020. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/bressane-naufragio-cinematica-ea/>. Acesso em: 9 nov. 2020.

² Cineasta brasileiro.

descrição do Nunes Pereira, eu percebi uma pequena parte daquela obra de arte construída pelo acúmulo do fundo ancestral da memória hereditária. Diante da exuberante beleza do manto de 5 ou 6 metros de comprimento, sentimos a riqueza do passado, a plasticidade de uma natureza de forte sensibilidade sonora, estímulos prolongados, combinação de diversas e diferentes plumagens em uma só, verdadeiro código hieroglífico de cosmologia desconhecida. Tesouro de uma delicadeza desaparecida...

O manto de plumas dos Mundurucus, sua carbonização, crava uma chaga no nosso corpo, no corpo do mundo, de todos os homens, decepa um centro vital, a obstinada e incansável luta do homem por uma orientação sensível, no mundo e no cosmos, destruída.

Traça igual sorte o destino dos milhões de fotogramas conservados na Cinemateca Brasileira em condições incertas, aflitivas e quase sempre desesperadoras, no embate com a indiferença. Todos os filmes são expressão de energia e *páthos*. Não há fotograma, imagem, filme sem essa carga simbólica. Há, sim, falta de distância, distância de nossas fobias, para se observar com longa extensão, com longa duração, os filmes. Todo movimento dos corpos, a história dos gestos, está vivo nesses carrosséis de fotogramas. Aby Warburg chamava o cinema de "grande Atlas de gestos humanos".

No Brasil, tão deficiente de sua memória, forçoso é despertar, pois estamos dentro da jangada de Medusa, na qual um sobrevivente, de costas, em meio a cadáveres, em vão acena, agitando desesperadamente um pedaço de pano, a rogar socorro a alguém no horizonte distante e perdido...

Na migração simbólica dos gestos arcaicos sobreviventes, repetimos, na tragédia da Cinemateca Brasileira, a passagem, a medalha iconológica do episódio histórico de Canudos. O mesmo arruinar, o mesmo desatino, a mesma não compreensão de um traço superior... Hieróglifo de nosso destino.

Não temos a percepção da necessidade de biblioteca, de pinacoteca, de cinemateca, nossa sociedade dispensa tais reservas vertebrais e não dá importância a essa falta aberrante. Podemos ser um país sem essas instituições? Pela derrelição, pelo desamparo, pelo abandono, mostramos que podemos desprezá-las. E as desprezamos.

Equipado das poderosas armas da carne animal, dos carros e mais carros, do sistemático envenenamento do solo, da água e do ar, dirigimo-nos para o futuro emborcado na direção da sentina transbordante de uma galera derruída...